

# **UCLA**

## **Mester**

### **Title**

Dossiê poética das margens no espaço literário e cultural franco-brasileiro

### **Permalink**

<https://escholarship.org/uc/item/19d088kk>

### **Journal**

Mester, 50(0)

### **Author**

BARBOSA, ALINE LEAL FERNANDES

### **Publication Date**

2021

### **DOI**

10.5070/M350051980

### **Copyright Information**

Copyright 2021 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

DOSSIÊ POÉTICA DAS  
MARGENS NO ESPAÇO  
LITERÁRIO E CULTURAL  
FRANCO-BRASILEIRO /  
POÉTIQUE DES MARGES  
DANS L'ESPACE LITTÉRAIRE  
ET CULTUREL FRANCO-  
BRÉSILIEN

Número especial da *Revue Silène*: Centre de  
recherches en littérature et poétique comparées  
da Universidade Paris 10 - Nanterre, Julho 2020

**Aina Leal Fernandes Barbosa**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Como pensar as margens em contexto contemporâneo, em que os paradigmas estéticos da modernidade, os limites entre campos disciplinares e entre expressões culturais eruditas e populares foram embaralhados? Em um mundo amplamente globalizado, que ao mesmo tempo transpõe e reafirma suas fronteiras, em termos territoriais, comerciais, filosóficos, artísticos, como modular e refundar o espaço da borda? Além disso, o que esteve situado historicamente à margem – sobretudo em termos culturais – tem sido progressivamente incorporado pelo capitalismo neoliberal e sua vocação expansionista, interessado em assimilar – e em neutralizar – tudo aquilo que o ameaça.

Nesse sentido, se as margens – em sua inadequação a ideais e projetos civilizacionais – atraíam por sua reserva revolucionária e potencial de desestabilizar a ordem e o cânone, é preciso repensar os diferentes contornos que essa noção adquire para, em vez de tomá-la monoliticamente em relação a um centro, abordá-la em sua multiplicidade e heterogeneidade. E, como já propuseram diversos autores, a margem de uma história deve ser o centro de outra.

Foi em torno dessa noção que não cessa de se complexificar e que ganha perspectivas diversas de acordo com o objeto a que se refere, o sujeito da abordagem e a lente metodológica, que se reuniu o grupo de doutorandos/as brasileiros/as e franceses/as em um projeto no âmbito da parceria “Paris Lumières”, coordenado por Eliane Robert Moraes e Camille Dumoulié. A associação das universidades brasileira (USP) e francesas (Paris 10/Nanterre e Paris 8/Vincennes-Saint Denis), entre 2015 e 2017, gerou o dossiê bilíngue *Poética das margens no espaço literário e cultural franco-brasileiro* (Poétique des marges dans l’espace littéraire et culturel franco-brésilien), publicado, em 2020, na revista *Silène*, periódico do Centre de recherches en littérature et poétique comparée, de Nanterre, com coordenação editorial de Julie Brugier e Thiago Mattos.

Tendo a noção de margem como principal operador do projeto e centro de suas problematizações, o grupo organizou-se em torno dos seguintes eixos de investigação: 1) Representações literárias de figuras da marginalidade. 2) Interrogações sobre as margens da literatura: rupturas de gêneros; pontos de contato com outras artes e áreas do conhecimento; relações entre literatura erudita e popular. 3) Reconhecimento das margens entre a literatura francesa e a brasileira: reverberações entre uma e outra, influências recíprocas, traduções, imagem e recepção. 4) Subversão estética, marginalidade social e experiência do limite. O dossiê *Poética das margens*, como desfecho e síntese dessa pesquisa coletiva, apresenta algumas vias de reflexão para o enfrentamento destas tópicas.

O fato de o resultado da pesquisa ser publicado em uma revista de perspectiva comparatista é notável porque sinaliza a necessidade de novos recortes que permitam dar conta da tenuidade das fronteiras e

de uma abordagem horizontal entre as relações geopolíticas de produção e consumo de conceitos teóricos e manifestações artísticas, superando o “velho paradigma da influência”, como observam os coordenadores do projeto na apresentação ao dossiê: “Sublinha-se, assim, a improdutividade de se pensar em termos de centro e periferia, produtores e consumidores de teoria e arte, porém em contaminação recíproca e nem sempre rastreável. Assim como, contemporaneamente, as fronteiras dos campos de saber são perfuradas, pretende-se produzir, nas relações textuais, geopolíticas, um diálogo que não é hierárquico, porém transversal”.

É possível lembrar aqui do clássico ensaio de Silviano Santiago “O entre-lugar do discurso latino-americano”, de 1971, escrito originalmente em francês, que denuncia o método da crítica universitária de focar as dívidas contraídas pelo artista latino-americano junto ao modelo importado da metrópole, conduzindo ao estudo de fontes e influências. Cinquenta anos mais tarde, a parceria entre universidades do Brasil e da França, no contexto da parceria “Paris Lumières”, apresenta-se como mais uma iniciativa de renovação da produção de pensamento acadêmico, apostando em estratégias de diálogo, transversalidade, trânsito e desterritorialização. É interessante notar, entretanto, que, em grande parte dos artigos que compõem o dossiê, os aparatos teóricos são de origem europeia – sobretudo francesa –, enquanto os objetos artísticos vêm do Brasil. Embora teoria e arte adquiram status semelhante, é curioso observar a assimetria na análise comparatista ainda predominante na construção do pensamento.

Convém lembrar, também, que a revista trata da *poética* das margens, de modo que a sua política é menos de caráter contra-hegemonico – indicando uma militância que respondesse às pressões do centro de forma diametral – porém de ordem minoritária e residual a partir de elaboração literária, artística, arquivística, das experiências do corpo. Os artigos, reunidos em quatro seções, convocam um olhar transdisciplinar para tratar de aspectos de borda a partir de uma perversão temática, metodológica, hierárquica, das fronteiras epistemológicas e das oposições sobre as quais *ainda* repousa nossa cultura.

A primeira seção, “Rituais do corpo”, reúne os artigos “A orgia dos duendes: uma dança macabra à brasileira”, de Juliana Schmitt, e “Mecanismo da emoção amorosa: o gênero, a literatura e os seus duplos”, de Larissa Costa da Matta. O primeiro trata do poema do escritor romântico Bernardo Guimarães, em que a *orgia* é associada à tradição europeia das danças macabras da Idade Média, porém elaborada a partir de crenças, folclores e mitos brasileiros: “dentro da floresta, ao som dos batuques e com a participação de seres mágicos do imaginário tropical”. O artigo de Larissa Costa da Mata aborda os aspectos transversais dos temas e procedimentos do artista brasileiro Flávio de Carvalho e do intelectual francês Roger Callois, que se conheceram e mantiveram uma interlocução à sua época, sendo o primeiro representante da revista surrealista *Minotaure* no Brasil. A ficção teórica carvalhiana e o trabalho sobre as ciências diagonais de Callois evocariam movimento transversal entre as artes e as disciplinas, contra a autonomia e a especialização modernas, antecipando as considerações do pós-estruturalismo acerca dos gêneros textuais.

A segunda seção – “Literaturas menores” – parte do conceito de-leuze-guattariano de minoridade como desterritorialização e desvio para abordar tanto o gênero considerado secundário da literatura erótica e pornográfica quanto as literaturas deslocadas dos centros geográficos e do cânone ocidental. Leonardo Alexander do Carmo Silva inaugura a seção com “Um autor e um gênero marginais: a pornografia de Charles Duits”, abordando o romance *La Salive de l'Éléphant* do escritor francês por muito tempo ignorado pela crítica e a academia. Daniel Borges segue com “Produção escrita de literatura oral em Timor-Leste como literatura menor”, refletindo sobre a interseção das literaturas escritas e orais nos contextos pós-coloniais de ensino de literatura em língua portuguesa. “O Cancioneiro do Bairro-Alto (1864), uma poética do baixo: A criação de um cancionário erótico na literatura portuguesa moderna”, de Pénélope Patrice, propõe reinscrever o *cancioneiro* – texto enigmático que reúne canções “obscenas” recolhidas no submundo lisboeta no século XIX – na tradição da poesia erótica e satírica portuguesa. Para encerrar, “O Enigma de Qaf de Alberto Mussa: reativação do cânone a partir da paraliteratura”,

de Juan Sebastian Rojas, estuda a atualização do cânone a partir da paraliteratura no romance citado, cuja intriga se situa entre o Brasil contemporâneo e o Oriente Médio antes de nossa era.

“Margens sociais” é a terceira e mais longa seção da revista, com cinco artigos que destacam a dimensão política e social da relação centro-margem. Luisa Destri inicia com “Prometeo di periferia: uma história de margem na poesia de Murilo Mendes”, discutindo, a partir do conceito de “estilo tardio”, de Edward Said, os poemas “Margens”, de *Convergência*, e “Hans Magnus Enzensberger”, do livro italiano *Ipotesi*, em que o poeta é figurado como “fracassado prometeu de periferia”. Pierre Boizette, com “Reapropriando-se da margem: a poética da indisciplina na obra de V.Y. Mudimbe”, busca refletir sobre a *poética da interferência* realizada por intelectuais contemporâneos oriundos de espaços historicamente colonizados, colocando em xeque a produção de pensamento eurocêntrica e a noção de universalidade. Em “Por uma poética da diferença em *Visão do paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda”, Renato Martins coloca o pensamento do historiador e crítico literário brasileiro em diálogo com o historiador francês Michel de Certeau na compreensão do Renascimento europeu como um período e um conceito cultural caracterizado pelo misticismo. “Repensar a marginalidade a partir do conceito de ‘desfiliação’ de Robert Castel: o exemplo de Notre-Dame de Paris”, de Marie-Agathe Tilliet, aplica o conceito de “desfiliação” ao romance histórico de Victor Hugo para refletir sobre a representação da marginalidade social e mostrar como a progressão narrativa do romance corresponde à dinâmica sociológica. Julie Brugier finaliza com “Leituras da margem social em literatura: violência e marginalidade em *La Belle Créole* de Maryse Condé”, em que propõe pensar a ambivalência da marginalidade social no romance da autora francesa Maryse Condé, a partir da obra do antropólogo francês René Girard, apresentando marginalidade não apenas como subversão das normas, porém também como ordem cultural, em que participa de uma ficção de coesão social.

“Práticas da escrita” é a quarta e última seção da revista. Ali encontramos artigos que enfocam tradução e arquivo, dando destaque ao caráter material do texto. Em “Traduzir a margem e à margem: duas

reescritas de *Mon coeur mis à nu*, de Charles Baudelaire”, Thiago Mattos elabora duas definições de margem – a do manuscrito e a da fronteira entre processo e produto/projeção e obra – da escritura baudelariana que só existe em estado de rascunho, para pensar estratégias de tradução em que essas relações aparecem. Em “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa: o terceiro espaço da significância”, Christian Galdón lança mão da noção derridiana de *obliquo* para destacar a dimensão inapreensível do fazer poético de Rosa. O artigo “A margem à prova da transferência nos textos do ciclo carolíngio”, de Raísa França Bastos, propõe uma reflexão sobre a relação entre transferência e margem a partir de textos do ciclo carolíngio – que circularam na Europa desde a Idade Média e que chegaram ao Brasil no fim do século 19 – em que a ressignificação de um objeto em um contexto a priori estrangeiro permite a elaboração de um paradigma do *ultrapassar*, sendo as margens da obra repelidas e integradas ao objeto textual. Em “Marginália, poesia e dança”, Aline Novais Almeida examina as notas marginais que o escritor Mário de Andrade registrou em seu exemplar de *As metamorfoses*, de Murilo Mendes. Tomando *marginália* como produção de escritura que se perfaz à margem da página de outrem, a pesquisadora recolhe as anotações deixadas pelo leitor-crítico Mário de Andrade para pensar de que modo a constância da dança atravessa essa obra muriliana. Assim, reflete acerca da potencialidade que esse resíduo de leitura é capaz de promover quando atrelado à crítica literária.

A margem de um rio, a margem da mancha gráfica do texto, a margem do sistema de ensino de literatura, o poeta à margem, as práticas marginais, a produção de marginalidade. São infinitas as margens a que se pode aceder como espaço de reflexão e de invenção, de harmonia e de fricção. Os/as pesquisadores/as – então doutorandos/as e hoje doutores/as, além de alguns pós-doutores – souberam dobrar seus temas de pesquisa oferecendo-lhes leituras marginais, deslocando centros teóricos, políticos, estéticos, em movimento que convém a todo pensamento contemporâneo experimentar. Essa breve apresentação dos artigos de dossiê resultante do intercâmbio de programas de pós-graduação do Brasil e da França – que incluiu

pesquisadores do Timor-Leste e de outros países da América do Sul e de África – pretende sinalizar a importância de encontros internacionais, da pesquisa coletiva, da interação entre corpo docente e discente de diferentes países para a formação de novos/as doutores/as e para a renovação de bibliografia, metodologia, objeto. Em período histórico sombrio, de desvalorização do conhecimento qualificado e da prática universitária, é preciso reafirmar – ainda que em diferença – os laços intelectuais seculares, as trocas literárias e culturais que conectam os diversos países do globo com potencial de transformação.





“Poéticas das margens”, blog, <https://poeticadasmargens.wordpress.com/>. Acesso em 15 de janeiro 2021.

*Revue Silène*, Centre de recherches en littérature et poétique comparées da Universidade de Paris Ovest – Nanterre – La Défense, jul. 2020, [http://www.revue-silene.com/f/index.php?sp=colloque&colloque\\_id=18](http://www.revue-silene.com/f/index.php?sp=colloque&colloque_id=18). Acesso em 15 de janeiro 2021.

Santiago, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. 1971. In: *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.